

NEWS

A montra que dizia a verdade

Um conto da rua comercial

16 de setembro de 2026, Tobias Engl



Era uma vez uma comerciante numa pequena cidade que tinha uma loja cheia de coisas bonitas. Mas a montra era o seu desgosto. O que lá estava nunca coincidia com o que havia lá dentro, porque para a mudar faltava sempre o tempo.

Um dia, ao tirar do vidro mais um cartaz amarelecido, suspirou: «Quem me dera uma montra que dissesse sempre a verdade, sem que eu tivesse de a convencer de novo todas as manhãs.» Mal o disse, bateram à porta.

À porta não estava nenhum feiticeiro, apenas um ecrã simples em cima de um carrinho. «Mostro o que quiseres», disse ele, «e mudo assim que a tua loja mudar. Chamam-me ScreenWay. Faço as contas aqui, em tua casa, não em terras distantes, e não revelo nada do que é teu.» A comerciante ligou-o à sua caixa registadora e pô-lo na montra.

A partir daí aconteceu algo que parecia um milagre. De manhã, a montra mostrava a mercadoria fresca, à noite a promoção, e quando um artigo esgotava, desaparecia por si só do expositor. Falava as línguas dos viajantes que passavam pela cidade e, de noite, quando todos dormiam, o ecrã também descansava e poupava as velas à comerciante.

A clientela multiplicou-se, porque o que estava na montra cumpria-se lá dentro. E a comerciante voltou a ter tempo, de manhã, para um café. E se o ecrã não foi desligado, ainda hoje brilha, honesto e com moderação, no meio da rua comercial.